



POESIA,
UM DIA

Carlos Alberto Machado
Hélia Correia
Jaime Rocha
José Mário Silva
Margarida Vale de Gato
Miguel-Manso



COMPANHIA
DAS ILHAS

POESIA, UM DIA

Os poemas aqui agrupados são o resultado das residências de escrita que integram o encontro de poetas *Poesia, Um Dia*, organizado pela Biblioteca Municipal José Baptista Martins, de Vila Velha de Ródão. Foram criados em 2012 e 2013, os primeiros anos deste evento. Tiveram como principal cenário a foz do rio Cobreão.

Poesia, Um Dia é uma iniciativa de comunidade que aposta na partilha concreta dos poemas, com poetas e leitores de poesia, em diferentes espaços: barcos que sulcam o rio Tejo, miradouros, praças públicas, jardins, comboios...

Carlos Aberto Machado, Hélia Correia, Jaime Rocha, José Mário Silva, Margarida Vale de Gato e Miguel-Manso participaram no *Poesia, Um Dia* em diferentes momentos e circunstâncias.

© Companhia das Ilhas
Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico
www.companhiadasilhasloja.wordpress.com
e Autores

POESIA, UM DIA

Carlos Alberto Machado, Hélia Correia,
Jaime Rocha, José Mário Silva,
Margarida Vale de Gato e Miguel-Manso

POESIA, UM DIA
(2012-2013)



2014

Uma Ideia de Comunidade Literária

É uma ideia de aldeia, de comunidade, de partilha. Uma ideia que alastrou a uma vila, a um concelho – Vila Velha de Ródão. Começou com uma conversa entre uma bibliotecária e um escritor, corria o ano de 2011: porque não um Encontro de Poetas em Vila Velha de Ródão?

Porque não?

Temos o rio Tejo, barcos, grifos, jardins, comboio. Temos aldeias de xisto, temos museus, lagares, poetas populares. Temos uma população maravilhosa e ávida de cultura. Temos uma biblioteca, uma associação cultural, um grupo de teatro, serras, montes, ribeiros. Temos pessoas que gostam de ler e de discutir literatura. Temos boa comida e muitos bolos tradicionais, queijos, enchidos, azeite. Temos sol.

Porque não? E porque não uma residência de poetas na Foz do Cobrão?

Assim nasceu o Encontro de Poetas *Poesia, Um Dia*, muito pela vontade e persistência de Graça Batista, a directora da Biblioteca Municipal José Baptista Martins. E com o entusiasmo e aprovação da escritora Hélia Correia que, na altura, a convite da Biblioteca participava num debate sobre o seu livro para crianças *A Chegada de Twainy*. Dessa estadia na Foz do Cobrão surgiu o poema que se publica nesta edição, dedicado à mãe do pintor Cargaleiro, nascida naquela aldeia.

Seguiu-se o convite, o desafio a poetas que agora são amigos de Vila Velha de Ródão e da Biblioteca, os organis-

mos vivos que simbolizam aqui todo o espaço das aldeias do concelho, toda a população. Vieram nestes dois últimos anos a Margarida Vale de Gato, o José Mário Silva, o Miguel-Manso, o Carlos Aberto Machado e escreveu-se poemas e leu-se poesia em barcos, comboios e jardins, em miradouros e pracetas.

E houve cinema, teatro, exposições, tertúlias, piqueniques, discussões, performances, espectáculos, instalações, música, publicações, feira do livro, postais ilustrados com pinturas. E houve palmas, abraços, promessas, beijos e uma alegre tristeza na despedida, uma alegria de saber que no ano próximo haverá de novo a *Poesia, Um Dia* com outros poetas, novas linguagens, sem distinções de idade, sem quaisquer preconceitos, num renovado encontro de afectos, de criação e de liberdade.

Jaime Rocha

HÉLIA CORREIA

Mãe Cargaleiro

I

A mãe corta retalhos da paisagem
e cose-os uns aos outros, sendo que há
por ali um critério indecifrável
e não sabemos bem para o que olhamos.
Pois aquilo que corre está imóvel,
por exemplo, a água que essa mãe
com um gesto deteve e que, parecendo
cair, não cai.

Tornado vidro

o leito daquele rio,
como por acção de uma temperatura,
um vidro doce, ainda iluminado
pelo verão que entrou nele,
um vidro azul, malhado pelo frio
que o quis atravessar
e fracassou.

II

Antes de tudo, estive a mãe, com terra
presa nas rugas, quase a ponto de
deixar que se confunda o seu sorriso
com a dilatação da sementeira.
Nas depressões da pele, como por leitos

completamente secos, alojaram-se
plantas arrebatadas do seu solo,
inteiramente sós,
plantas do tempo.

Acaso não sabemos
que há raízes nas mães, que todo o drama
se reduz ao arranque, a tudo o que
partiu um corpo em dois – e isso é
nascer?

O que pode fazer essa amputada
se não cortar, cortar e recoser,
até que o saldo seja a seu favor
e a criança aprenda, não aquilo
que está na natureza,
mas a beleza imensa da
desordem,
do trabalho feroz da mãe que não
amou jamais nem horta
nem valado,
nem animal deitado aos pés.

Não ama

nem os festejos,
nem as invernias,
ama somente o filho e tudo aquilo
que lhe pode ensinar,
isto é, lançar a praga
e a tesoura,
e uma espécie de método que leva
a que tudo se ajuste e se detenha
na vertical.

Pois é como se ali
se operasse o sinistro,
o viramento,
o perigoso gesto da mulher
a que engravida e que por isso tem
a possibilidade de parar
todos os corrimentos naturais, prendendo-os em tecido,
sim,
prendendo-os pelo cruzar da agulha,
a bênção invertida,
a teimosia
de deitar sal em tudo,
fascinando.

III

Entre os seus dedos a tesoura canta,
como os lobos,
cortando.
Há muita melodia para os sons.
A tesoura e o lobo são iguais
no desajeitamento.
Com as lâminas e as fauces
cantam. Cantam
enquanto dilaceram,
enquanto o sangue
e o rasgão que são a mesma coisa
compõem uma nova geografia,
marcando um centro,
aniquilando os bichos
e o tracejado dos proprietários.
É o que se ouve, à noite,

além do vento, estando o vento
paralisado sobre as chaminés:
a tesoura e o uivo,
o lobo e a mãe,
separando,
comendo devagar,
deitando brilho e desperdício em volta,
tudo o que testemunha um esventramento.

IV

A criança que nasce dessa mãe -
a que tem, na cozinha, junto ao pão,
os molhos de paisagem como as outras
têm fruta espalhada e alguidares,
- essa criança, como poderia
afastar-se de vez?

Como pode ela
tomar outro alimento que não seja
o da cor arrancada à serrania?
Eis que a criança cola, traço a traço,
tudo o que a sua mãe colava outrora,
sob a canção do lobo
e da tesoura.

Ela não sabe o que começa ali,
brinca, mastiga,
ordena os seus fragmentos,
desfaz e recompõe,

peça por peça.
Ainda tem os pés descalços,
ainda ouve
as instruções que a aldeia
lhe vai dando.

Foz do Cobrão, Abril de 2012

POESIA, UM DIA (2012)

Os poemas de POESIA, UM DIA (2012) foram criados em Foz do Cochrão, em Setembro de 2012, durante uma residência literária organizada pela Biblioteca Municipal José Baptista Martins, na qual participaram Jaime Rocha, José Mário Silva e Margarida Vale de Gato. Os poetas residentes, inspirados pelo poema de Ruy Belo *O Portugal Futuro* e pelo contexto sócio-político do país, criaram textos que inspiraram novos poemas, num original e desejado processo de intertextualidades.

No final, foi criado o poema coletivo *Poema ingénuo comprometido*.

O PORTUGAL FUTURO

O portugal futuro é um país
aonde o puro pássaro é possível
e sobre o leito negro do asfalto da estrada
as profundas crianças desenharão a giz
esse peixe da infância que vem na enxurrada
e me parece que se chama sável
Mas desenhem elas o que desenharem
é essa a forma do meu país
e chamem elas o que lhe chamarem
Portugal será e lá serei feliz
Poderá ser pequeno como este
ter a oeste o mar e a espanha a leste
tudo nele será novo desde os ramos à raiz
À sombra dos plátanos as crianças dançarão
e na avenida que houver à beira-mar
pode o tempo mudar será verão
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre ele o Portugal futuro

Ruy Belo

in *Palavra(s) de lugar*

MARGARIDA VALE DE GATO

A partir de Ruy Belo in *Palavra(s) de Lugar*

O senhor por exemplo o que é que o leva a participar numa
manifestação numa tarde
tão quente?

Era ontem um peixe sufocado o meu país,
hoje súbito tanta gente buscando brilho de água
que se move

Não sei onde fica, não é um lugar no mapa
É um espaço na boca com sede da gente
numa tarde a mover-se com muito calor, o meu país
Um peixe, um sítio pouco evidente,
ou corpo

exangue, coalho, desabituaado de saber
como se juntam os membros, respira-se aqui
com dificuldade, desenvolve-se vocação de submerso
Precisamos de ar

que é uma pergunta a que não se teria de responder logo
porque de princípio devia haver em toda a parte
como O que faremos nós?

O que havemos de fazer
com este peixe? Peixe era cristo e repartiu-se
para se tornar maior - disseram-me que isso era amor
mas eu não sei se creio

De manhã lembrei-me de um país para todos
onde no interior voltassem a crescer crianças

a arregaçar as fraldas das velhotas, esta tarde na TV parece
que o meu país é mais que peixe, mas não vou chamar-lhe
frota nem mar

pois basta hoje a poesia dos fenómenos pouco óbvios
de quando se juntam pessoas e há sempre alguma coisa,
acontece

JOSÉ MÁRIO SILVA

A partir de Ruy Belo in *Palavra(s) de Lugar*

Da forma breve desenhada
– peixe, pássaro, pequeno país –
não guardar mais do que o sobressalto,
o desmanchar do tempo
que nos desmancha,
a fúria infantil do giz nos dedos.
O negro asfalto impenetrável
devora até a luz do verão
imaginado um dia, à sombra
da ideia mais vaga de futuro.
Como desinclinam
as vozes
curvadas pela incerteza
é o que não sabemos.
Mas os dias
abrem-se
ao espanto,
como sempre se abriram,
têm degraus infinitos,
corrimões, ângulos agudos.
A grande corola das possibilidades
só se encolhe quando ficamos quietos.

JAIME ROCHA

A partir de Ruy Belo in *Palavra(s) de Lugar*

Um poeta fala de um plátano e da sua sombra sobre o mar
fala de um crime inesperado
um peixe agoniza virado para as casas.

E eu amo as casas e as árvores como o poeta as amou
dentro das palavras
porque elas não morrem nunca,
são levadas pelos pássaros para reconstruir um país novo.

Há uma dança que se espalha pelas árvores
e descobre um país arruinado.

Lá nesse bosque quase sem água,
uma criança diz que há peixes que vêm às margens
para serem felizes.

E a criança brinca
até que um pássaro a leva para uma cidade grande,
para dentro da multidão.

E depois o asfalto incendeia-se na noite
e chama a si
os peixes voadores.

MARGARIDA VALE DE GATO

A partir de Jaime Rocha e de José
Mário Silva, a partir de Ruy Belo

Sobressalto.

Desmanchar do país, do tempo
à sombra da ideia mais vaga
onde faz ainda escuro.

Desinclinadas as vozes
um peixe agoniza

Agoniza no duro asfalto um país pequeno,
está virado para a casa e esquece
que tem sombra para o mar e faz calor na rua

E pessoas a quem acontece
querer terminar a sede do espaço na boca
aberta neste dia a vozes desinclinadas
Onde no interior faz a criança a descoberta
do peixe e de um cântico ainda inseguro
a descompasso de degraus
e de um inteiro futuro.

JOSÉ MÁRIO SILVA

**A partir de Margarida Vale de Gato e
Jaime Rocha, a partir de Ruy Belo**

Inventamos espaço na boca
para fenómenos pouco óbvios,
como as palavras que nos levam
para dentro da multidão, entre
outras formas subtis de desenvolver
a vocação de submerso.
À sombra dos crimes inesperados,
reivindicamos a dança
no cimo das árvores, a beleza
áspera de um sítio pouco evidente.
No brilho de água que se move
o país é um peixe de guelras abertas,
a respirar com dificuldade,
brilhando à luz do asfalto
que arde na noite,
um peixe que lá
nas alturas decifra,
desenhado a giz, o contorno
da sua vocação de pássaro.

JAIME ROCHA

**A partir de José Mário Silva e Margarida
Vale de Gato, a partir de Ruy Belo**

Desmanchamos o tempo como se um sobressalto
nos atingisse o corpo e o metesse dentro de uma caixa.
Precisamos de ar,
de respirar no meio da gente,
subir aos degraus com os pássaros,
gritar para o asfalto,
para que acordem as crianças e os velhos,
dizendo que está aí a luz do Verão,
os dias abertos para as encostas e para os rios.

Estamos aqui dentro de uma aldeia
pintada de xisto e de oliveiras,
ouvindo a água que corre das cascatas para os vales
longe das cidades, mas no coração das casas,
como um peixe que voa por cima de um país.

**JAIME ROCHA, JOSÉ MÁRIO SILVA
E MARGARIDA VALE DE GATO**

Poema ingénuo comprometido

O que é um país à procura de futuro?
Coitado de um país que procura um futuro
e só encontra muros e cinza.
Um país sem luz, sem geografia,
com uma mágoa metida no tronco.
Um país doente que róí os ossos
e bebe água por um tubo pequeno.
Um país invadido por um deserto,
sem palavras, um país final.
O que é um país à procura de futuro?
Um país que se levanta inteiro
numa tarde quente.

15 de Setembro de 2012

JAIME ROCHA

Paisagem

Fico cego com a paisagem,
com o rio que passa sobre as pedras.
Cego com o silêncio daquela ponte
e com a presença dos xistos que
escondem as casas. Cego com
os cabelos e com os pássaros.

Cega-me a memória dos mortos
e as filas de oliveiras que sobem
pela encosta até às nuvens.

A cegueira é um vale quase despido
de urzes, é uma rua estreita invadida
pelas cabras por detrás de uma romãzeira.

Quando olho os grifos nos rochedos,
penso na cegueira dos morcegos _____
na solidão dos limoeiros
e nas algas verdes.

Há um mundo redondo à minha
volta, uma idade onde meto
as árvores e os gestos.

Fico cego não só pela água e pelo cimento.

Acontece que há uma fome e uma sede
construídas pelas árvores e pelas colinas
e tudo caminha para uma felicidade
estranha, para um tempo selvagem
como se todos nós nos fôssemos
encontrar no outro lado da sombra.

E depois há a cegueira das aves
e do amor, a cegueira dos cabelos
caindo sobre os móveis. Caminhamos
em cima de um longo gerânio, tapados
por um véu e os nossos corpos ficam
quietos ouvindo as palavras_____,

construindo o sol, a pouco e pouco,
como se as formigas nos saíssem
pela boca levando com elas um sinal,
um olhar definitivo, um pensamento.

Fico cego com a paisagem.

Casa do Cerro, Foz do Cobrão, Setembro de 2012

POESIA, UM DIA (2013)

CARLOS ALBERTO MACHADO

Para a Graça Baptista, o Jaime Rocha e o Miguel-Manso

Plena lua sobre o liso chão negro do rio
a luz indecisa fende o paredão de xisto

a voz erguida do poeta retorna clareada
e as palavras tangem a superfície das águas
do rio que deixou de saber como chegar ao seu destino
rio interrompido
interrompida vida dos mortos que a vida tem
falhas que não respondem à ferida que as faz

às portas de ródão os grifos
vigilantes.

Vila Velha de Ródão, 21 de Setembro de 2013

JAIME ROCHA

O refúgio dos grifos

Para o Carlos Alberto Machado e o Miguel-Manso

O rio adormece com a água virada
para as oliveiras, enquanto o rasto
dos barcos tapa o espelho das árvores
que se afundam nas margens, dando
à vila uma nova imagem, o lado
escondido das casas.

Sob a luz crepuscular de um pântano,
uma palmeira sobressai como se
dançasse em cima de uma toalha.

Todos os reflexos que cobrem
as pequenas ilhas encerram uma dor,
um pensamento colado aos peixes.

As garças contemplam a areia molhada,
a sombra de um comboio que corta
a paisagem _____

e lhe dá uma forma exacta.

Há no fundo de um vidro um refúgio alto
onde se escondem as palavras,
ao lado de pequenas tartarugas e de redes.
Quando essas palavras batem na madeira,
as pedras caem dos rochedos anunciando
o início das chuvas.

Mas é o sol que enlouquece os grifos,
as cobras e todos os outros animais
que alimentam os caminhos.

Nesta geografia existe uma mão aberta,
uma alegria inesperada que contém
o desejo da morte_____,

mas os barqueiros respiram devagar
contrariando o destino, como um lagar
parado num intervalo do tempo.

Ao longe, no fim da água, já depois
do lugar onde uma ribeira se encontra
com o rio e os bancos de areia abanam
com o vento, uma jangada arde dentro
de todas as imagens.

Como um festim que ilumina o musgo
das aldeias e desenha a cidade grande.

Residência de *Poesia, Um Dia*, Vila Velha de Ródão-Foz do Cobreão,
Setembro de 2013

MIGUEL-MANSO

A falha do Tejo

para o Jaime Rocha e o Carlos Alberto Machado

em geologia foi há bocadinho
quinze dezasseis milhões de Outonos
e agora esta gente no barco

parada frente às Portas de Ródão
sobre o rio

a pedra enfeitada de brilho
e escuridão que há muito declinam
sobre ela

ócios minerais perfurados pelo
comboio recente, varado ele mesmo
de fulguosas vistas – desaprovadas estão
as inalações prazerosas
(Cf. Empresa de Celulose do Tejo, S.A.)

abriram um centímetro cada
mil anos estas portas
o rio mudou sete vezes de plano, escavou
a profundidade onde já não cai
há milénios

de antiguidade ainda mais absurda
a rocha esbanjou cinco mil metros de tamanho, erodiu
tornou este coração fendido e pardo
onde nidificam os grifos

e os poetas de Lisboa (um de Sarnadinha)
descendentes desses ilustradores
da Idade do Bronze
encolhem ombros aos quatrocentos milhões de pasmosos
anos que tem o que resta da montanha

coincidem vivos num dos primeiros Setembros
do Século XXI

sumirão depois no contínuo precipício
das idades

Índice

Uma Ideia de Comunidade Literária, Jaime Rocha	7
HÉLIA CORREIA	
Mãe Cargaleiro	9
POESIA, UM DIA (2012)	
MARGARIDA VALE DE GATO	
A partir de Ruy Belo in Palavra(s) de Lugar	19
JOSÉ MÁRIO SILVA	
A partir de Ruy Belo in Palavra(s) de Lugar	21
JAIME ROCHA	
A partir de Ruy Belo in Palavra(s) de Lugar	22
MARGARIDA VALE DE GATO	
A partir de Jaime Rocha e de José Mário Silva, a partir de Ruy Belo	23
JOSÉ MÁRIO SILVA	
A partir de Margarida Vale de Gato e Jaime Rocha, a partir de Ruy Belo	24
JAIME ROCHA	
A partir de José Mário Silva e Margarida Vale de Gato, a partir de Ruy Belo	25
JAIME ROCHA, JOSÉ MÁRIO SILVA E MARGARIDA VALE DE GATO	
Poema ingénuo comprometido	26
JAIME ROCHA	
Paisagem	27

POESIA, UM DIA (2013)

CARLOS ALBERTO MACHADO	
[Plena lua sobre o liso chão negro do rio]	31
JAIME ROCHA	
O refúgio dos grifos	32
MIGUEL-MANSO	
A falha do Tejo	34

Títulos publicados

FICÇÃO

António Cabrita, *Ficas a dever-me uma noite de arromba*

Carlos Alberto Machado, *Estórias açorianas*

Henrique Manuel Bento Fialho, *Call Center*

Inês Lourenço, *Ephemeras*

José Pinto de Sá, *Os filhos de Mussa Mbiki*

José Ricardo Nunes, *Confissões*

Nuno Dempster, *O papel de prata, o reflexo e outros contos pelo meio*

Valério Romão, *Facas*

CRÓNICA

Cristina Brito, *A viagem seguinte*

Fátima Maldonado, *Lava de espera*

Manuel Tomás, *Picolândia*

POESIA

Carlos Alberto Machado, *Uma viagem romântica a Moscovo*

Carlos Alberto Machado, **Hélia Correia**, **Jaime Rocha**, **José**

Mário Silva, **Margarida Vale de Gato** e **Miguel-Manso**,

Poesia, Um Dia

Fernando Machado Silva, *Passageiros clandestinos*

Gez Walsh, *A borbulha no rabo. Poemas terríveis para meninos terríveis* (versão portuguesa de Helder Moura Pereira)

Helder Moura Pereira, *Eu depois inventei o resto*

Jorge Aguiar Oliveira, *Ranço*

Luís Carlos Patraquim, *O escuro anterior*

Luis Maffei, *Signos de Camões*

Madalena de Castro Campos, *O fardo do homem branco*

Manuel Fernando Gonçalves, *A matriz e o canto oposto*

Manuel Tomás, *Maroiço*

Mário T Cabral, *Tratados*

Nuno Costa Santos, *Às vezes é um insecto que faz disparar o alarme*

Nuno Dempster, *Na luz inclinada*

Paulo Ramalho, *Boca aberta*

R. Lino, *Baixo-Relevo*

Rosalina Marshall, *Manucure*

Urbano Bettencourt, *Outros nomes, outras guerras*

AFORISMOS

Alexandre Borges, *O boato. Introdução ao pessimismo*

João Paulo Cotrim, *A minha gata*

TEATRO

Jaime Rocha, *O regresso de Orto*

Luís Campião, *O menino da burra*

Marta Freitas, *Eis o Homem*

Pedro Eiras, *Bela Dona e outros monólogos*

Ricardo Neves-Neves, *A porta fechou-se e a casa era pequena*

Rui Pina Coelho, *Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho*

Tiago Rodrigues, *Peça romântica para um teatro fechado*

ENSAIO

Helder Gomes Cancela, *O exercício da violência. A arte enquanto tempo*

TEXTOS DIVERSOS (crónica, conto, ensaio)

Manuel Tomás (org), *Nunes da Rosa. Estudo e Antologia*

Manuel Serpa, *Bom Combate*

Companhia das Ilhas
colecção azulcobalto
Direcção de Carlos Alberto Machado

Poesia, Um Dia, de Carlos Alberto Machado, Hélia Correia, Jaime Rocha, José Mário Silva, Margarida Vale de Gato e Miguel-Manso
Edição 041

azulcobalto 023

1ª Edição (Setembro de 2014 - 250 exemplares)

Fotografia da capa: Orlando José Martins Ruivo

Design, impressão e acabamentos: milideias.pt

Depósito legal: 378977/14

ISBN 978-989-8592-50-7



COMPANHIA
DAS ILHAS

Últimos títulos publicados

Tiago Rodrigues, *Peça romântica para um teatro fechado*

Alexandre Borges, *O boato. Introdução ao pessimismo*

Manuel Fernando Gonçalves, *A matriz e o canto oposto*

Valério Romão, *Facas*

José Ricardo Nunes, *Confissões*

Gez Walsh/Helder Moura Pereira, *A borbulha no rabo.*

Poemas terríveis para meninos terríveis

Helder Gomes Cancela, *O exercício da violência. A arte*

enquanto tempo

Luís Campião, *O menino da burra*

Jorge Aguiar Oliveira, *Ranço*

Nuno Dempster, *Na luz inclinada*

Fátima Maldonado, *Lava de espera*

Cristina Brito, *A viagem seguinte*

Marta Freitas, *Eis o Homem*

Henrique Manuel Bento Fialho, *Call Center*

Paulo Ramalho, *Boca aberta*

023 coleção
azul e balto

POESIA

ISBN: 978-989-8592-50-7



9 789898 592507